

## «««TRIBUNA DO VATE»»»



**Fernando Pessoa** - Poeta português, Fernando António Nogueira Pessoa, nasceu em 1888, em Lisboa, e morreu nessa mesma cidade em 1935. Filho da pequena burguesia lisboeta, cresceu em Durban (África do Sul) frequentando mais tarde a Universidade de Capetown. Foi o inglês sua segunda língua materna e, como anglicizado, teve depois dificuldades em reencontrar-se na vida portuguesa. Em Lisboa, logo abandonou os estudos, dedicando-se, como autodidacta, a vastas leituras de filosofia e poesia. Levou vida modesta, complementando sua renda pela confecção de horóscopos nos quais acreditava. Foi defensor de práticas místicas, tendo sido membro da Fraternidade Rosa Cruz. 1914 - Surge o mestre Alberto Caeiro. Fernando Pessoa passa a escrever poemas dos três heterónimos. 1915 - Primeiro número da Revista "Orfeu". Pessoa "mata" Alberto Caeiro. 1916 - Seu amigo Mário de Sá-Carneiro suicida-se.

1924 - Surge a Revista "Atena", dirigida por Fernando Pessoa e Ruy Vaz. 1926 - Fernando Pessoa requer patente de invenção de um Anuário Indicador Sintético, por Nomes e Outras Classificações, Consultável em Qualquer Língua.

Dirige, com seu cunhado, a Revista de Comércio e Contabilidade. 1927 - Passa a colaborar com a Revista "Presença". 1934 - Aparece "**Mensagem**", seu único livro publicado. 30 de Novembro de 1935 - Morre em Lisboa, aos 47 anos.

### Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

### Ao longe, ao luar

Ao longe, ao luar,  
No rio uma vela,  
Serena a passar,  
Que é que me revela?  
Não sei, mas meu ser  
Tornou-se-me estranho,  
E eu sonho sem ver  
Os sonhos que tenho.  
Que angústia me enlaça?  
Que amor não se explica?  
É a vela que passa  
Na noite que fica.

### Entre o sono e sonho

Entre mim e o que em mim  
É o quem eu me suponho  
Corre um rio sem fim.  
Passou por outras margens,  
Diversas mais além,  
Naquelas várias viagens  
Que todo o rio tem.  
Chegou onde hoje habito  
A casa que hoje sou.  
Passa, se eu me medito;  
Se desperto, passou.  
E quem me sinto e morre  
No que me liga a mim  
Dorme onde o rio corre  
Esse rio sem fim.



**Estátua - Fernando Pessoa  
Parque dos Poetas  
Oeiras - Portugal**

### Horizonte

O mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas passadas e o mistério,  
Abria em flor o Longe, e o Sul sidéreo  
'Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa ---  
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta  
Em árvores onde o Longe nada tinha;  
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:  
E, no desembarcar, há aves, flores,  
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa, e, com sensíveis  
Movimentos da esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do horizonte  
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte ---  
Os beijos merecidos da Verdade.

### Autopsicografia

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.  
E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama o coração.

### Isto

Dizem que finjo ou minto  
Tudo que escrevo. Não.  
Eu simplesmente sinto  
Com a imaginação.  
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,  
O que me falha ou finda,  
É como que um terraço  
Sobre outra coisa ainda.  
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio  
Do que não está de pé,  
Livre do meu enleio,  
Sério do que não é.  
Sentir? Sinta quem lê!

